

Educação Linguística e Letramento Digital no contexto pandêmico: Um estudo de caso com os/as discentes do curso de Letras da UEG/UNU Posse-Goiás

Language Education and Digital Literacy in the Pandemic Context: A case study with students of the Languages degree from UEG/UNU Posse-Goiás

Rosiane Aparecida Soares Ribeiro¹
Karyelly Moreira²
Kellita do Carmo Araujo³

Resumo

O presente artigo busca evidenciar os principais desafios e limitações no processo de ensino de línguas no contexto pandêmico, bem como analisar as percepções dos/das acadêmicos/as do curso de Letras-Português/Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Posse-GO sobre a importância do letramento digital na conjuntura. Como aparato teórico-metodológico, optou-se por um estudo de caso, fundamentando-se em autores que tratam da aplicabilidade do letramento digital no contexto pandêmico, no intuito de promover reflexões sobre a importância do letramento digital. Para a construção do referencial teórico, respaldou-se em Bagno e Rangel (2005), Denzin, Lincoln e Giardina (2006), Dias (2014), Gusmão (2016), Velloso (2021), entre outros estudiosos. Os resultados permitiram comprovar a importância do letramento digital no contexto pandêmico. Ademais, as reflexões propostas contribuem para a construção de sentidos em contextos de ressignificações.

Palavras-chave: Educação linguística. Ensino remoto. Letramento digital.

Abstract

This article seeks to highlight the main challenges and limitations in the language teaching process in the pandemic context, as well as to analyze the perceptions of the academics of the Portuguese/English Language Course and their respective literatures at the State University of Goiás - Unit University of Posse-GO on the importance of digital literacy in the conjuncture. As a theoretical-methodological apparatus, a case study was chosen, based on authors who deal with the applicability of digital literacy in the pandemic context, in order to promote reflections on the importance of digital literacy. The construction of the theoretical framework was supported by Bagno and Rangel (2005), Denzin, Lincoln and Giardina (2006), Dias (2014), Gusmão (2016), Velloso (2021), among other scholars. The results allowed to prove the importance of digital literacy in the pandemic context. Furthermore, the proposed reflections contribute to the construction of meanings in contexts of resignification.

Keywords: Language education. Remote teaching. Digital literacy.

¹ Graduada em Licenciatura em Letras - Português/Inglês. Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Posse. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4436-0855> E-mail: rosianeaparecidasoares@gmail.com.

² Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT). Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Anápolis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3769-1303> E-mail: karyelly.moreira@ueg.br

³ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT). Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Anápolis. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6109-3293> E-mail: kellytha.araujo@hotmail.com.

1 Introdução

É perceptível que as tecnologias digitais se desenvolvem constantemente. Isso, por sua vez, provoca impactos na vida social e possibilita maior visibilidade da diversidade linguística, permitindo questionar as novas formas de comunicação. Nessa perspectiva, mais do que acessar a internet, é preciso saber como utilizá-la de maneira propícia. Por isso, nos dias atuais é fundamental falar em letramento digital.

De acordo com Marques (2019), o letramento digital se configura na educação mediada pelas novas tecnologias e se refere à capacidade de compreender as situações de leitura e escrita que acontecem no contexto tecnológico sendo um conjunto de competências que permite aos indivíduos compreenderem e utilizarem, de forma crítica, as informações da internet.

Embora a alfabetização tradicional procure ensinar os signos linguísticos e tenha seu foco em manusear a escrita, com esse novo processo vem se adaptando a uma nova forma de ensino, se transformando em uma alfabetização digital, haja vista que as técnicas utilizadas como recursos são baseadas em novas ferramentas tecnológicas.

É importante salientar a relevância da integração das tecnologias para fins educacionais pelos/as docentes como forma de estimular o pensamento crítico, fomentando a autonomia dos/das discentes e as reais potencialidades proporcionadas pelas tecnologias e mídias digitais para a educação linguística. Isso posto, o presente estudo tem como objetivo geral investigar as concepções dos/das acadêmicos/as em formação do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Posse sobre o letramento digital no processo de educação linguística. Buscando especificar e compreender as definições e a importância das tecnologias e do letramento, bem como refletindo sobre os desafios no processo de educação linguística no contexto da pandemia.

O presente artigo foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa interpretativista (DENZIN; LINCOLN; GIARDINA, 2006), na qual foram utilizadas contribuições científicas sobre o tema, respaldando-se em diferentes fontes de pesquisa e autores. Verifica-se assim, as concepções dos/das discentes do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Posse acerca do letramento digital crítico e dos sentimentos dos/as estudantes em relação ao atuar nessa perspectiva em sua futura ação docente.

Nessa perspectiva, para geração de material empírico, foi elaborado um questionário, o qual foi respondido pelos/as acadêmicos/as participantes da pesquisa, sendo realizadas indagações, no intuito de compreender os principais desafios e/ou limitações, bem como a ressignificação do processo de educação linguística no contexto pandêmico. Ademais, buscou-se destacar a relevância da integração

das tecnologias para fins educacionais pelos/as docentes como forma crítica de suporte e fomento à autonomia discente. Para tanto, respaldou-se em Tavares (2007), a qual enfatiza que reflexões críticas na formação docente podem corroborar a superação de perspectivas reducionistas como mero treinamento dos/das docentes em aspectos tecnológicos.

No intuito de desenvolver essa proposta, o artigo está organizado em cinco seções e as considerações finais. Assim, apresenta-se, inicialmente, a descrição do percurso metodológico desenvolvido. Na sequência, são propostas reflexões sobre a formação de professores/as de línguas no contexto pandêmico através do entrelaçamento das respostas obtidas nos questionários. Em seguida, ocorre a análise dos dados a partir das ações propostas e das percepções dos/das participantes da pesquisa, buscando, assim, compreender a relação deles/as com as tecnologias. Além disso, na sequência, apresentam-se percepções acerca das diferenças entre ensino remoto e educação a distância. Já na última seção, estão descritas algumas reflexões sobre alfabetização e letramento digital. Por fim, nas considerações finais, são relatadas algumas conclusões deste estudo.

2 Aspectos metodológicos

Como mencionado, para o desenvolvimento deste estudo, optamos por uma metodologia qualitativa interpretativista, acerca da qual os pesquisadores Denzin, Lincoln e Giardina enfatizam que aborda a “natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (2006, p. 23). O tipo de pesquisa escolhido foi o estudo de caso; esse método de estudo, na perspectiva da pesquisadora Marli de André, “ressurge na pesquisa educacional com um sentido mais abrangente: o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões.” (2013, p. 97).

Para a geração de material empírico, foi aplicado um questionário aberto online aos/às acadêmicos/as do curso de Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Posse-GO. Foram direcionadas as seguintes indagações:

- Antes da pandemia e da mudança no formato de ensino, você sabia o que era letramento digital?
- Você sabe a definição e importância do letramento digital?
- Sabe diferenciar ensino remoto do ensino *EaD*?
- Você tem algum critério para utilizar os recursos digitais? Se sim, qual?
- Você enfrentou algum problema como desmotivação ou falta de recursos tecnológicos para estudar durante o período pandêmico?

- Você sabe diferenciar alfabetização tradicional e alfabetização digital?
- Como você se preparou para as aulas remotas? Participou de alguma oficina?
- Quais foram os sentimentos/emoções quando decretaram aulas no formato remoto?
- Você presenciou dificuldades por parte dos/das docentes universitários/as?
- Qual é a sua percepção sobre o uso das tecnologias no processo de educação linguística?

Ressalta-se que, devido à pandemia, de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), visando o bem-estar da pesquisadora e dos/das participantes, o material empírico foi gerado através da plataforma *Google Forms*. Destaca-se que 17 acadêmicos/as se disponibilizaram a responder ao questionário, sendo 8 discentes do 8º período, 6 do 6º período e 3 do 4º período do curso de Letras.

É válido salientar que, tendo em vista questões de ética da pesquisa, os/as discentes são identificados/as por pseudônimos que eles/as mesmos/as escolheram. Diante de tantas novas possibilidades viabilizadas pelo processo de ensino virtual, esclarecemos que este trabalho tem por alicerce o letramento digital na área da educação, especificamente na linha de linguagem e práticas sociais. Assim, dispõem-se na categoria de análise, a seguir, discussões e o entrelaçamento do material empírico com perspectivas acerca da formação de professores/as de línguas em tempos de pandemia.

3 Formação de professores de línguas em tempos pandêmicos

Devido à pandemia, seguindo as diretrizes dos órgãos de saúde a respeito do isolamento social, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, a qual previa “a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19”. Essa medida propôs que as instituições educacionais, inclusive as Instituições de Ensino Superior, desenvolvessem alternativas para a reorganização no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, isso consistiu num desafio, haja vista a exclusão digital ocasionada pelas dificuldades da maioria dos/das docentes e dos/das discentes no que corresponde ao uso e/ou, até mesmo, acesso a esses recursos tecnológicos.

No intuito de compreender mais sobre essas limitações e esses desafios no processo de formação de professores/as, especificamente de línguas, os/as discentes da Unidade Universitária de Posse foram indagados/as acerca dos desafios no processo de ensino-aprendizagem de línguas no contextopandêmico. A seguir, algumas respostas obtidas:

[1] **Mithi:** Acho que minha maior dificuldade foi à adaptação, mas é possível seguir um plano de estudo de maneira mais individualizado.

Cris: Não ter o contato direto com o professor, igual temos em sala de aula.

Nessa: Falta de recurso como uso de laboratório de línguas.

Foi indagado também se houve problemas como desmotivação ou falta de recursos tecnológicos para estudar durante o período pandêmico. Acerca disso, Mithi e Carla ressaltaram o seguinte:

[2] **Mithi:** No início da pandemia me senti totalmente desmotivada e tive dificuldades com acesso à internet em casa, isso me custou um período em atraso.

Carla: Dificuldades com as tecnologias quando preciso usar algum aplicativo para fazer um trabalho.

As respostas foram semelhantes no que tange às dificuldades no processo de educação no contexto atual. São perceptíveis problemas de acesso entre pessoas e grupos; por isso, o acesso e a exclusão digital também devem ser enfoques de discussões sobre o impacto das tecnologias digitais na sociedade. Cabe ressaltar que a inclusão digital não está relacionada apenas a questões referentes a possuir ou não aparelhos tecnológicos, mas também ao uso reflexivo, direcionado a práticas sociais. Nessa perspectiva, de acordo com Buzato (2009), toda visão de inclusão (social, digital) é respaldada por concepções de linguagem e por conjuntos de práticas sociais a elas relacionadas.

Em relação a como se prepararam/preparam as aulas remotas, os/as participantes declararam:

[3] **Mithi:** A princípio tive que instalar internet em casa e seguir o horário das aulas, como se fossem mesmo presenciais, por que se torna algo cômodo está no conforto de sua casa e surgem 1001 coisas para fazer, o segredo é agir com dedicação, como se fosse mesmo presencial.

Geo: Eu me preparei, arrumando o quarto e o computador e os cadernos ao lado juntamente com meu fone de ouvido e anotando tudo o que o professor passa e às vezes tirando *prints* para depois eu copiar.

Os/As demais relataram que não têm uma forma específica de se organizar, fator que pode dificultar o processo.

Uma pergunta crucial foi se eles/as presenciaram dificuldades por parte dos/das docentes universitários/as no que tange ao uso dos recursos tecnológicos no ensino remoto, observando-se as seguintes respostas:

[4] **Ed Chris:** Acredito que no início todos ainda estavam aprendendo a usar todas as ferramentas, tanto professores como alunos, mas todos os docentes conseguiram utilizá-los bem.

Mithi: Percebi dificuldade de um ou dois no manuseio das plataformas, no mais, percebi que a maioria dos professores se empenharam verdadeiramente.

Essas dificuldades, presenciadas tanto pelos/as discentes quanto pelos/as docentes, não é culpa deles/as. Segundo Tavares (2007), há um deficit de pesquisas acerca das práticas docentes reflexivas, relacionadas ao uso de recursos tecnológicos. Como mencionado anteriormente, constantemente à formação de professores/as, no que tange à inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação em suas *práxis*, acaba sendo confundida com um curso de treinamento para o uso de *software* e *hardware*. O fato de os recursos digitais serem abordados como instrumentos é uma concepção reducionista de tecnologia, inadequada em uma formação para a cultura digital.

Na sequência, dispõe-se de discussões e entrelaçamento acerca da educação linguística e as tecnologias.

4 Educação linguística e tecnologias digitais

O uso das tecnologias digitais favorece, de forma significativa, o processo de educação linguística, na medida em que podem fornecer inúmeros conteúdos didáticos que podem ser utilizados no processo de ensino. De acordo com as concepções de Paiva,

O avanço das tecnologias remete algumas previsões para o futuro, tais como; aprimoramento dos programas de tradução automática, aparelhos móveis cada vez menores, baterias com maior duração de carga, ampliação de tecnologias assistivas¹, entre outras (2019, p. 7).

Observa-se que as tecnologias estão em constante evolução, e, cada vez mais, precisamos nos engajar em novas *práxis*, interagindo e refletindo criticamente sobre a construção do conhecimento.

Devido à pandemia, visando a dar continuidade às atividades na educação, o uso dessas ferramentas está sendo de total importância, possibilitando as aulas remotas. Nesse contexto, Garcia, uma estudiosa do campo linguístico, defende:

A partir de mudanças na forma de ensinar e com a inserção de tecnologias nesse processo de ensino, mudam-se também as formas de aprendizagem. Os alunos sentem-se mais motivados, pois estas diferem de antigamente, quando não existia diálogo entre professor e aluno; hoje há uma troca de informações em sala de aula, na qual o professor não é mais o detentor de todo o conhecimento, de modo que o aluno passa a ser o principal responsável pela construção do seu conhecimento, tendo um papel mais ativo, na busca de soluções das suas necessidades (2013, p. 26).

Portanto, mesmo no formato presencial, muitos/as educadores/as já tinham receio em usar as

tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, isso não foi diferente no contexto pandêmico. Ao aderir ao sistema remoto, muitos/as demonstraram dificuldades e até mesmo resistência.

É crucial a reflexão sobre o percurso histórico do ensino de línguas mediado por tecnologias no Brasil, discutindo experiências passadas e atuais e debatendo previsões para o futuro. Sendo assim, deve-se compreender as evoluções tecnológicas, bem como as mudanças de práticas pedagógicas através do surgimento de novos recursos. Nesse sentido, é válido salientar que os primeiros usos de computadores restringiram-se à digitação de provas e textos. Poucos/as alunos/as possuíam um computador em suas residências e ainda não tinham tecnologia móvel. Atualmente, as tecnologias digitais estão presentes no ensino de línguas e na pesquisa do país. Além disso, o ensino é marcado pela banda larga e pelos equipamentos móveis; computadores portáteis cada vez mais leves, celulares inteligentes e conexão com internet sem fio.

Diante desses pressupostos, é importante evidenciar as percepções de docentes em formação, especificamente de educação linguística, sobre o uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Por isso, os/as alunos/as do curso de Letras da Unidade Universitária de Posse foram indagados/as sobre o uso dos recursos tecnológicos, no intuito de compreendermos se eles/as viam as tecnologias como “aliadas” ou “inimigas” no processo educacional. A seguir, apresentamos as respostas de alguns alunos e de algumas alunas que responderam a essa problematização.

[5] Mithi: Esse processo se torna muito individualizado às vezes, mas, de qualquer modo, se pararmos para pensar, a aprendizagem é dependente de nossos esforços dentro e fora da sala de aula, com o uso da tecnologia nós temos acesso a vários conteúdos, como vídeos, acesso a sites confiáveis e livros digitais, entre outros, o que facilita bastante, junto ao intermédio do professor nas aulas remotas.

Nessa: O uso da tecnologia é bem vindo para ampliar a educação de línguas, se aprendeu muito sobre estes recursos por meio de aplicativos de celular e uso de computadores na apresentação de trabalhos.

Ed Chris: Eu acho indispensável, pois é por meio da internet que conseguimos ter acesso aos mais diversos tipos de conteúdos e pesquisas, e os recursos tecnológicos nos auxiliam nesse processo.

Manu: Os suportes virtuais podem, por exemplo, ajudar com a exposição de vídeos e textos atuais que chamam a atenção do aluno para diversas formas de linguagem.

Rosinha: O uso das tecnologias digitais vem favorecendo a educação linguística na atualidade e está cada vez mais presente em nossas vidas.

É perceptível que os/as alunos/as em formação compreendem a importância do uso de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Diante desses avanços tecnológicos, a aluna Mithi reflete sobre o processo da agência discente, que possibilita aos alunos realizar seus estudos

através da internet. Usando os equipamentos adequados, como computador, smartphone, entre outros. Contudo, nem todos podem usufruir desses avanços, pois há lugares onde ainda não há acesso à internet, nem equipamentos adequados para dar suporte a seu conhecimento. Assim vão surgindo vários obstáculos, para além da falta de conhecimento em manusear as ferramentas tecnológicas, se tornando o conhecimento individualizado.

Em relação à importância da internet, a aluna Manu destaca:

[6] **Manu:** A internet se tornou uma ferramenta indispensável nos dias atuais, pois está destinada a vários fins acadêmicos, científicos e para outras finalidades.

Em relação a critérios para a utilização desses recursos, entre os 17 entrevistados, apenas um aluno evidenciou o seguinte:

[7] **Ed Chris:** Procuo sempre estar atento a tudo que estou acessando, para evitar possíveis golpes ou compartilhamento de *fake News*.

O aluno reflete sobre o uso das *fake news* (notícias falsas) tendo em vista que, atualmente, esse tipo de informação tem sido publicado na internet com o objetivo de enganar as pessoas e obter ganhos financeiros, até mesmo políticos. As *fake news* são deliberadas através de desinformação ou por boatos, televisão, rádio ou mídias digitais. Para a pesquisadora Telma Rocha, as *fake news* “consistem em mentiras disseminadas no formato de notícia jornalística, ou seja, textos objetivos que seguem regras como *lead* e pirâmide invertida, veiculadas em sites ou blogs que se alinham com o design de sites dos grandes jornais mundiais”. (ROCHA, 2020, p.01).

Os conteúdos das *fake news* são propagandas que empregam conteúdos atrativos com o intuito de aumentar os números de leitores e cliques na internet. Por isso, temos de ficar atentos/as e saber identificar notícias falsas, ler mais, considerar se a fonte é confiável, verificar o/a autor/as, as fontes de apoio, entre outros aspectos. De acordo com Neves (2020), esse termo teve início no século XIX e se tornou:

Mais frequente através da imprensa internacional tendo seu auge numa campanha presidencial nos Estados Unidos, onde diversas notícias falsas impactaram o desempenho da campanha. Desse modo, o significado de *Fake News* se refere a notícias falsas antes chamadas de imprensa marrom. (2020, p. 34).

Os/As demais entrevistados/as elencaram que não utilizam nenhum recurso tecnológico frente ao estudo remoto. Nesse contexto, é importante salientar a relevância da criticidade na busca de

informações, porque, havendo uma pesquisa, conseguimos obter materiais necessários e assim formar uma linha de raciocínio que permita unir os saberes de forma contextualizada e confiável. Segundo Molina (2020), essa configuração enfrenta alguns desafios, pois:

Tem que lidar com a obsolescência e evoluções de formatos de armazenamento, deve propiciar buscas flexíveis e variadas, pois a forma digital, embora aparentemente se mostre bastante atrativa, rapidamente se torna obsoleta, exigindo uma preservação vigiada e permanente, com garantias de recursos materiais para as atualizações necessárias (2019, p. 11).

Diante das reflexões expressas por Molina, podemos contextualizar as dificuldades da realização de uma curadoria. A princípio, é preciso compreender a flexibilidade e a variedade que essa configuração apresenta. Observa-se que há um número variável de documentos no ambiente virtual que são válidos ou obsoletos e que necessitam de um olhar crítico e reflexivo no momento de serem utilizados.

5 Ensino remoto *versus* educação a distância

A pandemia atingiu o mundo, trazendo consigo inúmeras problemáticas, inclusive no meio educacional. O cotidiano de milhares de estudantes foi afetado a partir da troca da sala de aula e das lousas pelas ferramentas digitais, sendo as aulas adaptadas para o ensino remoto. Todavia, muitos/as discentes, inicialmente, não compreendiam as diferenças entre o ensino remoto e a educação à distância. Observa-se esse pressuposto nas afirmações da maioria dos/das estudantes entrevistados/as, os/as quais salientaram que não sabiam as diferenças e, frequentemente, usavam o termo EaD para denominar as aulas síncronas e assíncronas, percebe-se esse pressuposto nas afirmações a seguir:

[8] **Mithi:** Desde o início das aulas não presenciais, denominei o processo de EaD, não sabia das diferenças entre o ensino remoto e a modalidade EaD, principalmente, por que alguns docentes utilizavam o segundo termo.

Ed Chris: No início, eu não sabia das diferenças entre ensino remoto e EaD, depois que eu compreendi sobre, achei muito interessante, pois cada um tem suas particularidades, de acordo com os objetivos almejados no processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, é válido salientar que o ensino em educação a distância ocorre por meio de plataformas em que os conteúdos são gravados e os/as alunos/as podem assistir depois. Como elencam Leffa e Freire (2013), o termo “à distância” explicita sua principal característica: a separação física do/da professor/a e do/da aluno/a em termos espaciais, não excluindo, contudo, o contato direto dos/das alunos/as entre si ou do/da aluno/a com o/a professor/a a partir do uso dos meios tecnológicos.

Podemos salientar que a configuração remota tem como objetivo facilitar a vida dos/das acadêmicos/as e se tornou uma ideia inovadora, que desenvolve uma aprendizagem dentro ou fora das instituições, e tem como recursos a tecnologia, que permite desenvolver estratégias de ensino. Diante dessas reflexões, podemos visualizar uma importante contribuição da acadêmica Manu para este estudo. Em sua participação, ela diz que:

[9] **Manu:** O ensino remoto é uma solução temporária para continuar as atividades pedagógicas e tem como principal ferramenta a internet. E o ensino EaD tem uma estrutura e metodologia pensando em garantir o ensino à distância, foi desenhado para prestar atendimento, aplicar atividade e outras demandas em um ambiente de aprendizado com o apoio de tutores e recursos tecnológicos que favorece o ensino.

Percebe-se que a aluna compreende que o ensino remoto ou educação emergencial é uma medida extraordinária que os gestores das instituições da educação encontraram para dar continuidade aos estudos e intermediar o conteúdo que seria trabalhado em sala de aula. O termo “remoto” se refere apenas à mudança do espaço físico, que outrora era presencial e agora, temporariamente, é remoto (digital), termo muito utilizado na área de Tecnologia de Informação (TI) para se referir a não-presencialidade.

Nessa perspectiva, é importante evidenciar as definições de aulas síncronas e assíncronas, em que aula síncrona é quando há uma interação imediata. Em contrapartida, a aula assíncrona é quando não há um retorno imediato: você produz o conteúdo e depois vai reagir a ele de forma online. Nesse caso, Velloso (2021) nos leva a repensar no que se referem às distinções dos termos síncrono e assíncrono. Segundo ela:

As atividades síncronas implicam a presença simultânea de docentes e estudantes em um mesmo ambiente virtual, possibilitando adicionar recursos digitais on-line aos métodos tradicionais de ensino aprendizagem. Por outro lado, as atividades assíncronas não colocam docentes e discentes de forma simultânea, pois são atividades que podem ser desenvolvidas pelos estudantes em qualquer horário (VELLOSO, 2021, p. 1).

É importante que os/as alunos/as, principalmente os/as professores/as em formação, compreendam essa divisão no momento das atividades, refletindo sobre a *práxis* na atual conjuntura.

Em relação ao formato de ensino, os/as alunos/as foram indagados/as sobre quais foram seus sentimentos/emoções quando as aulas passaram ao formato remoto. A seguir, algumas das respostas obtidas:

[10] **Mithi:** Eu sempre tive receio quando se falava em modo de ensino remoto ou EAD, por achar que realmente não funcionaria, era um tipo de preconceito, na verdade, com o tempo descobri que é possível.

Ed Chris: Fiquei um pouco preocupado de como seria, se eu iria conseguir, ansioso quanto aos novos desafios que enfrentaria, mas com o passar do tempo fui me acostumando melhor.

Manuela Almeida: No primeiro momento eu me desesperei, fiquei preocupada pois pensava que não iria conseguir fazer as disciplinas, pensava que iria reprovar. Mas hoje estou gostando de fazer aulas no formato remoto, pois estou tendo facilidade de realizar as disciplinas.

As alunas e o aluno destacaram o receio quanto ao ensino remoto inicialmente, mas, no decorrer do tempo, começaram a compreender esse formato de ensino. Essas afirmações estão em consonância com Leffa e Freire (2013), que dizem que é possível a interação entre pessoas que não estejam próximas fisicamente. Em suma, “se a aprendizagem depende da interação, a distância não é um empecilho para que ela ocorra.” (LEFFA; FREIRE, 2013, p. 10). Isso pelo fato de a aprendizagem ser possível quando há mecanismos de mediação entre agentes, sendo que, na medida em que tais mecanismos propiciam interações simultâneas entre indivíduos geograficamente distantes, a distância não é um empecilho para a aprendizagem. Logo, “o distante torna-se presente” (LEFFA; FREIRE, 2013, p. 14). Compreende-se, diante do exposto, que a aprendizagem depende de ações mediadas e de trocas de informações.

6 Letramento e alfabetização digital: paradigmas e reflexões

De acordo com a etimologia do vocábulo, alfabetizar significa o ato de adquirir o alfabeto, o que nos remete a compreender o seu sentido restrito, que abrange a leitura e a escrita. Sendo assim, a alfabetização é um conceitomas antigo que já era utilizado no ambiente estudantil. Dias segue essa linha de pensamento quando diz que “A alfabetização é o processo de aprender a ler e a escrever, ou seja, conhecer os signos linguísticos da língua mãe e o mecanismo de funcionamento do sistema de leitura e escrita.” (2014, p. 28).

Silva (2012) elenca que a alfabetização tradicional diz respeito a saber utilizar os signos linguísticos e saber manusear a escrita, mas esse processo vem se adaptando a uma nova forma de ensino. Esse termo no formato digital é um processo que não só depende do modelo tradicional, mas de saber utilizar as novas ferramentas tecnológicas. O aluno Ed Cris comentou o seguinte:

[11] **Ed Cris:** O letramento digital é fazer com que as pessoas também se alfabetizem tecnologicamente de modo que consigam usar as mais diversas tecnologias de forma consciente e crítica.

Seguindo essa lógica, a estudiosa Garcia (2016) nos remete à capacidade de elevação da alfabetização. Segundo ela, uma pessoa alfabetizada será capaz de:

Obter informações é ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a essas informações de ter uma postura, crítica ediscernida, diante de um universo de informações as quais está exposto diariamente, para organizá-las, aplicá-las interagindo com o outro e buscando ocupar seu papel de cidadão ativo na sociedade. (GARCIA, 2016, p. 15).

Gusmão (2016) aborda essa temática, evidenciando, de certa forma, a transição do tradicionalismo para o midiático e informacional. De acordo com o autor, o estudo contemporâneo encontra-se em um período de transformação entre:

A modernidade e pós-modernidade, pois ela precisa transformar a pedagogia tradicional em uma pedagogia midiática, para que possa expandir as habilidades e competências, a fim de que possa utilizar as mídias para transformar os estudantes em produtores e participantes culturais, em uma sociedade marcada pela grande presença das TICs, por meio da cultura participativa, pela participação ativa e pela criatividade alternativa (GUSMÃO, 2016, p. 135).

Dessa maneira, tem-se que o indivíduo alfabetizado não é necessariamente letrado, ou seja, é aquele que sabe ler e escrever, mas não sabe, necessariamente, responder às demandas de leitura e escrita. A acadêmica Mithi faz uma reflexão sobre esse termo. Segundo ela:

[12] **Mithi:** A educação em termos de práticas que utilizamos para acessar o meio digital, por meio da leitura, produção de textos. Vejo que o letramento digital vai além do saber utilizar, mas saber selecionar e compreender as informações que estão neste meio.

Diante desses pontos elencados pela acadêmica participante, podemos entender que ela compreende que o sujeito letrado digitalmente sabe interpretar um texto nos meios digitais, realiza curadorias refletindo sobre *fake news*, sobretudo, usa a língua nas práticas sociais.

É importante distinguir os termos alfabetização e letramento digital. Nessa direção, podemos compreender esse conceito através da contribuição de Silva (2012), uma vez que, de acordo com a estudiosa, essas concepções acerca do termo alfabetizado nos remetem a todo ser que

Embora saiba decodificar os sinais gráficos de seu idioma, ainda não se apropriou plenamente das habilidades de leitura e escrita. São aqueles indivíduos que passaram por uma escola, porém lêem com dificuldade e poucos escrevem e, quando o fazem, produzem apenas gêneros discursivos considerados mais simples, como bilhetes, listas de compras [...] (SILVA, 2012, p. 3).

Com o passar dos anos, esse conceito foi modificado e sofreu uma série de adaptações, assim possibilitando o entendimento e as mudanças na nova era da tecnologia, surgindo a transição entre alfabetização e letramento digital, “onde o texto escrito assume diferentes formas em um único suporte

o computador” (SILVA, 2012, p. 3).

Os letramentos digital e tradicional vão acontecendo na forma de continuação da alfabetização e são compreendidos como um processo finito logo que o/a alfabetizando/a consiga o domínio de seus conceitos básicos. Segundo os estudos de Pereira, Moraes e Teruya, existe uma diferença entre esses opostos, letrar e alfabetizar diferem

No conhecimento da prática social [...] esta integração gera novas práticas e a sociedade se transporta da cultura escrita no papel para a cultura na tela. É o surgimento de novas cognições por consequência das tecnologias digitais (2007, p. 474).

A acadêmica participante Manu contextualiza sobre o letramento digital, dizendo o seguinte:

[13] **Manu:** O letramento diz respeito aos processos de aprendizagem de leitura e escrita em ambientes digitais. Significa não apenas saber como utilizar as tecnologias digitais, mas entrar em contato com ela de maneira significativa, entendendo seus usos e possibilidades em nossas vidas sociais.

Assim, a aluna compreende que ser letrado/a digitalmente é interagir em ambientes digitais, isto é, realizar práticas de leitura e escrita que diferem das práticas tradicionais, utilizando todos os recursos que a web oferece, seja para a sua vida pessoal ou profissional.

Considerações finais

A pandemia remeteu a uma nova configuração de ensino. Muitos/as profissionais/as não estavam preparados/as para esse novo formato. Assim, vale ressaltar a importância de os/as docentes incentivarem os/as professores/as em formação com atividades que os/as façam refletir sobre e explorar as tecnologias digitais. Compreende-se a relevância do uso reflexivo das tecnologias, bem como a importância do letramento digital, pois é necessário não somente ter os aparelhos e saber manuseá-los, mas usá-los de modo crítico e reflexivo. Nesse contexto, de acordo com Leffa, “a tecnologia requer que o professor de línguas desenvolva e domine novas habilidades de leitura e escrita, a fim de que se torne um indivíduo digitalmente letrado e, portanto capaz de formar futuros professores também digitalmente letrado” (2013, p. 4).

Ademais, os/as docentes em formação devem saber lidar com as mudanças ocasionadas no processo de ensino, visando às práticas reflexivas de formação de profissionais que tenham uma perspectiva do que é letramento digital no ensino de línguas. Salienta-se que um/a educador/a letrado/a é capaz de pensar crítica e reflexivamente sobre sua própria prática, inovando e fazendo uso das

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e suas possibilidades, criando novos e diferentes ambientes de aprendizagem. Essas reflexões no processo de formação docente são cruciais para que esses/as futuros/as professores/as desempenhem funções e ações conscientes em suas práticas mediadas por tecnologias digitais e em diversos contextos. Esperamos, por fim, que este estudo contribua com futuras pesquisas.

Referências

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, p. 63-81, 2005.

BUZATO, M.K. *Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC*. D.E.L.T.A. v.25. n.1, p. 1-38, 2009.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Estudo de caso: seu potencial na educação. *Cadernos de pesquisa*, n. 49, p. 51-54, 2013.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S.; GIARDINA, Michael D. Disciplining qualitative research. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 19, n. 6, p. 769-782, 2006.

DIAS, Natália Maria de Freitas. *PBIE: Inclusão e Letramento Digital de Professores da Rede Pública Municipal de Fortaleza*. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2014) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2014.

GARCIA, Fernanda Wolf. *A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem*. Educação a Distância, Batatais, v. 3, n. 1, p. 25-48, jan./dez. 2013 Disponível em: <http://web-api-claretiano-edu.br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes>. Acesso em 05 set. 202.

GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário. Pedagogia dos multiletramentos e desafios para uso das novas tecnologias digitais em sala de aula no ensino de língua portuguesa. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 18, n.1, p. 151-174, 2015.

GOMES, Raquel Salcedo. Qual o papel das TICs nas tarefas da educação linguística no Brasil?. *Revista Práxis*, v. 1, p. 73-82, 2013.

GUSMÃO, Fábio Alexandre Ferreira. Da alfabetização tradicional para a alfabetização midiática e informacional. *Revista Liberato*, v. 17, n. 28, p. 125-136, 2016.

LEFFA, Vilson J.; FREIRE, Maximina M. Educação sem distância. *Ensino e aprendizagem de línguas em ambientes virtuais*. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 13-38.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. *Em Aberto*, v. 5, n. 31, 1986.

MARQUES, Gerson Rodrigues. *Letramento Digital: Desafios na Formação Universitária no curso de Letras da UEG - Campus/Porangatu*. 2019.150f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO.

MOLINA, Letícia G.; SANTOS, Juliana C. dos. *Curadoria Digital: novos suportes documentais e a preservação da memória*. Prisma.com., Porto, n. 38, p. 82-101, 2019.

MOREIRA, J. Antônio; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialogia*, p. 351-364, 2020.

NEVES, Barbara. C; BORGES, Jussara. (2020). *Por que as Fake News têm espaço nas mídias sociais?: uma discussão a luz do comportamento infocomunicacional*. Informação & Sociedade: Estudos, 30(2). <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n2.50410>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/50410>. Acesso em 10 set. 2021

PAIVA, Vera Menezes. O. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Revista da Abralin*, v. 18, n. 1, p. 02-26, 2019.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; MORAES, Raquel de Almeida; TERUYA, Teresa Kazuko. Educação a distância (EaD): reflexões críticas e práticas. *Uberlândia: Navegando Publicações*, 2017.

QUINTAIROS, Paulo César R.; ELISEI, Cristina C. A.; VELLOSO, Viviane F. *Síncrono e assíncrono: a nova discussão sobre as atividades on-line*. Revista de Pesquisa Aplicada e Tecnologia – REPATEC, Pindamonhangaba, v. 3, n. 4, p. 33-44, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://repatec.com.br/index.php/periodico/article/view/23>. Acesso em: 15 set. 2021.

ROCHA, Telma Brito. Fake news e os desafios da educação na contemporaneidade. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, abril de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1070>>. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVA, Solimar Patriota. Letramento digital e formação de professores na era da web 2.0: o que, como e por que ensinar. *Hipertextus Revista Digital*, n. 8, 2012.

TAVARES, K. *A formação do professor on-line: de listas de recomendações à reflexão crítica*. Palestra ministrada no II Seminário de Estudos em Linguagem, Educação e Tecnologia, Faculdade de Letras, UFRJ, de 21 a 31 de maio de 2007.

Data de submissão: 12/09/2022. Data de aprovação: 24/10/2022.